

Cartografia dos saberes: uma proposta metodológica para a pesquisa em Turismo

Charlene Brum DEL PUERTO¹

Resumo: Este trabalho aborda a cartografia bibliográfica proposta por BAPTISTA (2014) como uma estratégia metodológica para a realização da dissertação do mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul/RS, tendo como objeto de estudo o turismo cemiterial. Esse artigo resgata aspectos desenvolvidos para o exame de qualificação do Mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul/RS, intitulado “Turismo Cemiterial: Um estudo sobre o cemitério como patrimônio e dispositivo potencializador do turismo, considerando a ambivalência morte e vida das necrópoles”. O objetivo do artigo é expor a proposta metodológica adotada para a pesquisa e de que modo ela foi estruturada, para que possa atender os objetivos da pesquisa sobre o turismo cemiterial, tendo como amostragem o Cemitério da Consolação localizado na cidade de São Paulo/SP. Trata-se de uma produção vinculada ao Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese.

Palavras-chave: Patrimônio. Ambivalência morte e vida. Cemitério. Turismo cemiterial. Cartografia bibliográfica.

Introdução

Este artigo com viés qualitativo tem por objetivo debater a proposta metodológica da Cartografia dos Saberes, apresentada por Baptista (2014) e que está sendo utilizada para o desenvolvimento da dissertação sobre o turismo cemiterial no Mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul/RS. A pesquisa que está sendo realizada no mestrado aborda o cemitério como patrimônio e dispositivo potencializador do turismo, considerando a ambivalência morte e vida das necrópoles. É um estudo sobre o turismo cemiterial no Cemitério da Consolação, localizado na cidade de São Paulo/SP. São considerados os aspectos subjetivos das necrópoles relativos à ambivalência morte e vida, inerente ao contraponto cemitério e turismo. Para o seu desenvolvimento foi escolhida como orientação metodológica a Cartografia dos Saberes da autora Baptista (2014).

Neste artigo, inicialmente explicamos os caminhos que nos conduziram ao objeto de pesquisa e posteriormente explicitamos a estrutura feita para o projeto de pesquisa de mestrado, finalizando com a proposta metodológica da Cartografia de Saberes da autora Baptista (2014) utilizada para o referido projeto.

O caminho percorrido

O interesse pela pesquisa sobre turismo cemiterial surgiu na graduação, ao participar do projeto “*Marmorabilia: Inventário da Memória Tumular do Rio Grande Do Sul: Cemitérios São José (Porto Alegre) e Cemitério da Santa Casa de Misericórdia (Pelotas)*”, coordenado

¹Bacharela em Turismo pela Universidade Federal de Pelotas. Mestranda em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Integrante do AMORCOMTUR! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS) email: charlenedelpuerto@bol.com.br

pela prof^a. Dr^a. Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho da Universidade Federal de Pelotas. Tal interesse deu origem à monografia, em 2013, intitulada “O Quadro Velho do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula/Pelotas como atrativo turístico”, orientada pela prof^a. Dr^a. Dalila Müller. No mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul/RS está sendo desenvolvida uma pesquisa sobre o turismo cemiterial intitulada “Turismo Cemiterial: Um estudo sobre o cemitério como patrimônio e dispositivo potencializador do turismo, considerando a ambivalência morte e vida das necrópoles”, buscando entender a relação entre cemitério, patrimônio, ambivalência morte e vida nas necrópoles e o turismo realizado em cemitérios, tendo como local analisado o Cemitério da Consolação situado na cidade de São Paulo/SP. Este trabalho é orientado pela prof^a. Dr^a. Maria Luiza Cardinale Baptista. A importância da pesquisa está centrada nos seguintes aspectos: a ambiguidade nas expressões que se referem ao turismo cemiterial, insuficiente produção acadêmica sobre a temática para os objetivos desta pesquisa, a marginalização, pelo senso comum no discurso sobre a morte; a necessidade de ampliação de conhecimento sobre o cemitério e seus itens fúnebres como patrimônio material e imaterial e o aumento pela procura de turismo cemiterial.

Inicialmente, pretendia-se estudar a viabilidade turística do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, localizado na cidade de Pelotas/RS através da aplicação da análise SWOT; no entanto, com a progressão nos estudos, percebemos que seria mais esclarecedor, trabalhar uma necrópole que já recebesse visitantes. Surgiu, então, a ideia de trabalhar a relação entre patrimônio, cemitério, morte e turismo. Durante o processo, questionamos sobre o que mobiliza o sujeito, para se deslocar a um local considerado mórbido, representativo de dor e sofrimento, em contraponto à atividade turística, que comumente é associada ao prazer e vivências alegres. Entre as indagações preliminares, está a preocupação sobre o que há imbricado na relação entre as interfaces sobre patrimônio, morte, vida e turismo, que acionam o sujeito para as necrópoles.

A partir desses questionamentos preliminares e do processo de construção do projeto de pesquisa, chegamos à seguinte questão a ser verificada em análise na atividade turística, realizada no Cemitério da Consolação, na cidade de São Paulo: Quais aspectos do cemitério, como patrimônio material e imaterial, relacionados com a ambivalência morte e vida, são potencializadores do turismo? Pensando nessa questão, escolhemos como proposta metodológica, a Cartografia de Saberes que aborda um processo em que Baptista (2014) chama de ‘trama investigativa’, onde se constituem os saberes e inquietudes pessoais, saberes dos outros, e a vivência do pesquisador no campo da pesquisa, denominado pela autora de ‘chão de fábrica’.

Formulação do problema do projeto de qualificação de mestrado.

Para melhor compreensão da pesquisa, são feitas abordagens histórico-conceituais sobre as temáticas que permeiam esse estudo: o espaço cemiterial, o cemitério como patrimônio material e imaterial, o cemitério como dispositivo potencializador do turismo, e a ambivalência morte e vida das necrópoles, sendo abordados, ainda, os conceitos existentes

para definir o turismo realizado em cemitérios, os quais, muitas vezes têm associações com sentidos nefastos, o que não condiz com a prática da atividade turística realizada nos espaços cemiteriais. Ressaltamos que a atividade turística realizada em cemitério está sendo denominada ‘turismo cemiterial’; no entanto, não se objetiva trabalhar o turismo cemiterial como uma segmentação de mercado.

Primeira trilha – O Turismo Cemiterial: o cemitério como dispositivo potencializador do turismo

Nesta trilha, sinalizamos alguns itens como fé, arte, arquitetura e iconografia tumulares, bem como as personalidades inumadas, como componentes dos cemitérios que atraem os visitantes e que fazem com que as necrópoles estejam inclusas em vários destinos turísticos². Alguns dos cemitérios que desenvolvem a atividade turística são: Cemitério de Arlington e Hollywood Forever, nos Estados Unidos; Cemitério Staglieno na Itália; Cemitério Judeu de Praga, na República Checa; Cemitério Săpânța, na Romênia; La Recoleta, na Argentina; Montparnasse, Montmatre, Père Lachaise em Paris; Cemitério de Poblenau na Espanha³; Cemitério São João Batista/RJ, e Cemitérios da Consolação e Araçá/SP (os dois últimos no Brasil). Ressaltamos que a crença em alguns santos populares sepultados nos cemitérios também mobilizam os visitantes.

Abordamos, ainda, as expressões que designam as atividades realizadas nos cemitérios como: turismo sombrio, turismo de excentricidades, turismo de *fait divers*, entre outras, que trazem um sentido funesto, ideia contrário à contida no projeto de qualificação, que é de conceber o cemitério como campo de ressignificação da vida. A autora Hahne (2010, p.37) cita como atividade turística realizada no cemitério, como: “[...] turismo mórbido, também conhecido como turismo negro, turismo sombrio, turismo necrófilo, turismo inusitado, turismo macabro, turismo de *fait divers*, entre outras denominações”. Barbosa (2009, p.329), por sua vez, menciona o turismo em cemitérios como “turismo de excentricidade”, sendo uma “[...] das formas extravagantes de turismo atualmente praticadas no mundo [...]”. Conforme Ferreira (2009, p.350), o turismo de *fait divers* ou turismo necrófilo talvez possa ser conceituado como “[...] aquele no qual as pessoas são atraídas a visitar os lugares relacionados dor e à morte, sejam eles cemitérios, memoriais, ou mesmo lugares onde ocorreram tragédias – genocídios, batalhas, etc”.

O entendimento que se tem sobre a morte também é debatido, pois ele é decisivo para a constituição daquilo que se entende por turismo cemiterial, no sentido de ressignificar o cemitério para outras atividades e, principalmente, de compreender a ambivalência morte e vida nas necrópoles. Ao observarmos os *blogues* e sites referentes à temática de cemitério e turismo, notamos que a ênfase dada é para a valorização da fé, arte e arquitetura e personalidades inumadas, fugindo de sua função inicial, a qual envolvia os sepultamentos. O turismo nas necrópoles se contrapõe ao turismo de massa fornecendo,

² Conforme percebido em algumas páginas sobre cemitério, arte tumular e turismo.

³ Os locais citados foram pesquisados em *blogues* de viagens, ou especializados em cemitérios/turismo cemiterial e em páginas online de agências de viagens

um espaço para o compartilhamento de bens simbólicos e reflexão sobre a vida e morte. No turismo cemiterial, estão contidos os saberes e fazeres humanos, o que faz com que o espaço cemiterial, seja um local de vida e não apenas de morte. Entender o espaço cemiterial, a comunidade, seu entorno e os visitantes possibilitará entender a utilização dos espaços fúnebres para o turismo.

Borges (2002, p.148) destaca que a atividade turística nos cemitérios iniciou na década de 1980: “Na década de 1980, surgiu o modismo de se visitar cemitérios importantes na Europa e nos Estados Unidos. As agências de turismo procuraram criar pacotes turísticos específicos para esse novo cliente”. Para Queiroz (2007), é a partir da década de 1990 que ocorre aumento na procura pela visita aos cemitérios como atrativo turístico. Um dos pensamentos sobre o turismo que corrobora com o turismo cemiterial é de Moesch. Conforme a autora:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamento entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, ao meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório dessa dinâmica sócio cultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade [...]. (MOESCH, 2002, p. 9)

Para Boiteux e Werner (2009), a atividade turística ultrapassa as questões de consumo propondo uma interação pela experiência, contribuindo para o desenvolvimento pessoal, assumindo um perfil diferenciado devido à experiência hedonística que a atividade proporciona.

Queiroz menciona que, no século XIX, surgem os primeiros cemitérios do período Romântico que “foram concebidos precisamente para serem visitados e admirados pelas obras de arte neles contidas, obras essas que eram muitas vezes representativas do que de melhor se fazia na época” (QUEIROZ, 2009, p.1). No fim deste período, o cemitério como uma área de passeio entra em desuso, contribuindo para a deterioração dos espaços; porém, a partir da segunda metade do século XX (a partir de 1960), ressurgiu o interesse nos cemitérios como uma herança cultural e patrimonial. É na década de 1990 que começa a vertente turística nos cemitérios (QUEIROZ, 2009).

Segunda trilha - Os cemitérios e seu patrimônio: sua história e salvaguarda

Aqui, buscamos traçar um percurso histórico sobre os cemitérios do período paleolítico aos dias atuais, expondo hábitos no culto aos mortos como, o surgimento na antiguidade Greco-Romana de depositar flores e alimentos aos falecidos e também a transcrição nas lápides colaborando para a salvaguarda do morto (HIPÓLITO, 2011). Com o Cristianismo o sepultamento à beira da estrada, comum entre os romanos, foi diminuindo (HIPÓLITO, 2011). Vissière (2013, s/p) aponta que “Com a cristianização da sociedade, surgiu a tendência a aglomerar os defuntos nas proximidades dos lugares sagrados, como tumbas de santos e igrejas, na expectativa do Juízo Final e da ressurreição dos corpos”. Para

Carvalho (2010, p. 540), os cemitérios surgiram da necessidade de um local para destinar os defuntos que “no Brasil, habitaram o chão das igrejas até a metade do século XIX (salvo a exceção de serem estes protestantes ou escravos)”. Os protestantes deveriam sepultar seus mortos junto com os suicidas, os escravos e os católicos que não podiam pagar pelo sepultamento dentro da igreja. “Este grupo de excluídos ocupou os primeiros lugares para sepultamento a céu aberto no Brasil [...]” (CASTRO, 2009, p.6).

Borges (2001) ressalta que D. Maria de Portugal recomendou a construção de cemitérios no Brasil, no ano de 1789; porém a obrigatoriedade na construção de cemitérios a céu aberto só foi concretizada em 1ª de outubro de 1828, com lei promulgada por D. Pedro I. Rocha (2005) e Valladares (1971) expõem que além de medidas higienistas, o controle da população e o gosto pela estética e ostentação, foram outros motivos para o sepultamento extramuros.

Quanto à arte funerária, Borges (2001), expõe que no Brasil houve interferência da arquitetura europeia, (nos séculos XIX e XX), e a partir da década de 1940 com a Revolução Industrial, se inicia a extinção das marmorarias (BORGES, 2002). Para Carvalho (2005, p. 54), “A Arte Funerária teve seu ápice no Brasil durante o período da Primeira República, de 1890 a 1930”. Além da substituição do mármore e o bronze por materiais de baixo custo nas lápides, as novas formas de destinação dos corpos também são fatores que interferiram na arquitetura tumular. Borges (2002, p.120) sinaliza que “[...] a relação entre o morto e seus descendentes sobreviventes vai-se esvaecendo aos poucos, alcançando, quando muito, a terceira geração ascendente”. Por esse motivo os túmulos do século XIX, estão descaracterizados em mau estado de conservação, o que facilita a diminuição da arte e arquitetura tumular e perda da memória do sepultado que são os itens mais procurados pelos turistas ao se visitar o cemitério.

Ressaltamos a importância de compreender o cemitério como um bem patrimonial material e imaterial; sinalizando o entendimento do patrimônio adotado na pesquisa. Segundo Françoise Choay (2006, p. 11), o termo está relacionado de forma direta com a vida social e é entendida hoje como “uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos”. Quanto à imaterialidade, Paulo Sérgio Silva (2011, p.1) entende o patrimônio imaterial as representações, costumes, os saberes de vida, “[...] ícones do não-dito, de representações, de costumes [...]”. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) estabelece que o patrimônio cultural brasileiro é composto de bens materiais e imateriais. Entendemos que não é possível dissociar a materialidade da imaterialidade; no entanto, cremos que, as definições dos autores, foram feitas separadamente (mas com relação entre si) para estruturar as diretrizes que auxiliam na busca por fomentos da salvaguarda do bem e para indicar normativas que conduzam a uma adequada forma de preservação dos patrimônios. Castro (2008) expõe que o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) realiza tombamentos de artigos funerários desde a década de 1930 (CASTRO, 2008, p. 60).

No Brasil, a Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, no seu artigo 2º expõe nas alíneas “a” e “c” que os cemitérios são considerados monumentos arqueológicos ou pré-históricos. A resolução nº 335, de 3 de abril de 2003, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), tem sua legislação de licenciamento ambiental de cemitérios, ponderando o “respeito às práticas e valores religiosos e culturais da população” (CONAMA, 2003, p. 839). Além das medidas protetivas legalmente existentes, ressaltamo o trabalho feito por associações e grupos com interesse na preservação dos cemitérios e dos artigos que o congregam. No Brasil, a Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), Grupo *Interditus*, etc; em outros países da América, *Graveston studies* (Massachusetts/Estados Unidos); *Red Testimonio-Memoria Valparaíso/Chile*, *Red Iberoamericana de Cementerios Patrimoniales* e *Comunidad Iberoamericana de Amigos del Patrimonio Funerario* (CIAPATU), *Red Uruguaya de Cementerio*. Na Europa, menciono a *Association of Significant Cemeteries in Europe* (ASCE) e a *National Federation of Cemetery Friends* no Reino Unido. Essas associações e grupos tem por interesse, pesquisar o cemitério como um espaço de memória promovendo a preservação e valorização dos bens fúnebres, conservação da vida biológica dos cemitérios, etc. No Brasil, apesar da potencialidade turística dos cemitérios a atividade é considerada incipiente se comparada à exercida na Europa. Por isso, faz-se necessário problematizar a atividade no Brasil, uma vez que essa potencialidade não fica aquém dos europeus.

Terceira trilha - Ambivalência morte e vida: a morte o morto e o luto

Neste texto sinalizamos algumas mudanças que indiquem o motivo pelo qual há um distanciamento dos assuntos que permeiam a morte aproximando o leitor do projeto da ‘trilha’ ambivalência morte e vida.

As ações perante o morto e o luto acompanham as mudanças sociais existentes, pois se trata de um fenômeno sociocultural. No período Medieval (do século V ao XV), por exemplo, segundo Schmitt (1999, p. 18), “A proximidade das sepulturas e das casas sustentava e justificava a preocupação mais intensa que os vivos tinham com seus defuntos”. Com isto, podemos presumir que existia uma relação mais estreita dos vivos com a morte e o morto. Na cultura atual, não há uma relação aproximada entre os vivos e mortos. Da Matta expõe que o luto não é mais coletivo, mas sim isolado. “É esse contexto de individualismo, como o princípio básico da vida social, que faz com que a morte apareça como um problema” (DAMATTA, 1997, p. 145).

A morte, que tanto inquieta o ser humano, pode ganhar outros entendimentos, quando a compreendemos como um processo natural e que dá origem a outros ciclos, ensinamentos e aprendizagens. Sendo assim, o luto, o cemitério, os ritos fúnebres e tudo aquilo que permeia a morte ganham outros sentidos e possibilidades de interpretação, a partir das quais a atividade turística pode ser desenvolvida e potencializada, numa relação simbiótica em que, ao mesmo tempo em que é beneficiada, pode dar uma contribuição para a resignificação. Em outro sentido, o turismo realizado nesse espaço talvez seja um modo

de negar para si a morte, como se o visitante pudesse dizer: “Eu estou vivo, eu estou do lado de cá”, ou também para pensar a própria finitude.

Socialmente as concepções sobre a morte foram se alterando com o tempo. Nesse sentido, a abordagem traz uma reflexão sobre a própria existência. O debate sobre o assunto é uma forma de tentar diminuir a distância que há entre a morte e o ser humano, já que, conforme DaMatta (1991, p. 143) “[...] a morte é a única experiência social que não pode ser transmitida”. Para o autor, falar sobre a morte demonstra um questionamento científico e uma atitude destemida diante da vida (DA MATTA, 1991). Atualmente, com o distanciamento do homem em relação à morte, o luto antes que antes era coletivo, vivido em família, passa a ser individual. Percebe-se que a morte e o morto são distanciados da sociedade, na qual esta por sua vez, simplifica ou exclui o processo de luto, o que dificulta assimilar e aceitar a morte.

Há um desprezo pela morte e pelo cemitério, pois há uma lógica capitalista que enaltece o concreto, o palpável, e ali está um corpo que não produz na lógica de mercado, mas que existe como ente abstrato. Para valorizar essa vida que foi, é necessário que haja, conforme Baptista (1997), uma afetivação, no sentido de afetividade, no entendimento de que os afetos estejam comovidos um com o outro, “mas isso não implica em um afeto como o termo é costumeiramente utilizado, ou seja, relacionado com carinho. Estas palavras não são sinônimas aqui. Falo do que afeta, do que toca, do que mexe com os sentimentos do sujeito”. (BAPTISTA, 1997, p. 6)

Quarta trilha - Mobilização afetiva do sujeito do turismo.

O que mobiliza o sujeito para a prática de turismo cemiterial? Frente a esse questionamento, o que pode ser observado na vivência contemporânea, sem generalizações, é o fato de que parece haver uma indiferença de sentimentos e valores frente ao cemitério e à morte. Em contrapartida, há uma valorização de tudo aquilo que é prático de ser sentido, que não causa uma reflexão profunda ou dolorosa, o que seria necessário para se pensar a morte e os cemitérios. Mas como realizar um acionamento afetivo do sujeito no turismo cemiterial? Entendemos que antes de os cemitérios serem valorizados pela arte, arquitetura, iconografia e personalidades inumadas que os integram, aspectos explorados pelo turismo cemiterial, as necrópoles devem ser valorizadas pelo seu principal fator: a vida humana que foi e que está ali registrada. Quando mencionamos o processo de afetivação dos sujeitos, não nos referimos somente a afetivação frente à vida do sepultado, mas também a do artista que esculpiu a arte cemiterial, a do coveiro, do familiar, do visitante, entre outros. Entendemos que, para promover uma afetivação frente aos cemitérios é necessário pensar na complexidade que envolve os sujeitos, pois são muitas vidas envolvidas, na produção das inscrições, materializações e expressões. (BAPTISTA, 2001)

Por isso, ressaltamos que é necessário repensar o cemitério como um campo de vivência, na ideia proposta de ambivalência morte e vida. São os sentimentos dessas vivências entre a vida dos mortos e dos vivos que podem propiciar a partilha, uma afinidade com olhares e interações voltadas para o presente e o passado. Percebe-se na vida

contemporânea, que há uma carência geradora de uma sensação de descontentamento, insatisfação, individualismo, efemeridade nos relacionamentos interpessoais, conduzindo a uma banalização do universo cemiterial. Parece que não há um referencial no tecido social para se pensar a morte na atualidade, gerando assim, uma insegurança que perpassa o próprio pensamento e também o pensamento em relação ao outro. Se não há demonstração de afetos interpessoais, como afetivar os sujeitos para pensar os cemitérios como um patrimônio a ser preservado e utilizado na atividade turística?

Se a relação contemporânea entre os vivos, considerando a ambivalência morte e vida, já é ambígua e conflitante, como estabelecer uma afetivação mais humanizada? Como demonstrar afinidades entre a vida que foi e a vida que está? De que modo o turismo tem relação direta com essas questões? Partindo-se da ideia de que são os sentimentos que mobilizam as ações, ao afetivar, buscando considerar o cemitério como um espaço que também representa a vida, é possível que haja uma ressignificação do cemitério para pensá-lo de modo a ultrapassar seu caráter mórbido. Neste sentido, o turismo pode ser beneficiado, ao mesmo tempo em que pode vir a contribuir.

Quinta Trilha - A cidade de São Paulo e o Cemitério da Consolação.

Nesse capítulo contextualizamos a cidade de São Paulo e o Cemitério da Consolação que é a amostragem do nosso objeto de estudo. O Cemitério da Consolação foi o primeiro cemitério público construído em São Paulo/SP. Fundado em 1858, reúne cerca de 300 esculturas e abriga sepulturas de personalidades. Possui um roteiro de Arte Tumular, organizado pela administração do cemitério e monitoradas pelo sepultador Francisvaldo Gomes, “que teve como “mestre” o falecido historiador Délio Freire dos Santos, responsável pelas primeiras pesquisas sobre o patrimônio artístico e histórico do local” (CIDADE SÃO PAULO, 2015).

Conforme material informativo da Prefeitura de São Paulo/SP, a história do cemitério remonta ao ano de 1829, quando o vereador Joaquim Antônio Alves Alvim propôs a construção de um cemitério público na cidade. Inicialmente o cemitério seria construído ao lado da igreja da Consolação, após, foi deslocado para o Bairro da Luz (1832) e Campos Elíseos (1854). Porém, “Em 1855, Carlos Rath elabora um novo estudo e indica que o melhor local para a construção do cemitério público seria os altos da Consolação”. (São Paulo, [20--], p. 2) As construções se iniciam em 1855 de forma lenta devido à falta de verbas da empreiteira. Sabendo disto, a Marquesa de Santos doou em 1857, verbas para utilização exclusiva na construção da capela. A partir disto e também devido a uma epidemia de varíola que atingiu a cidade, o cemitério da Consolação foi inaugurado em 1858 e teve sua área aumentada em 1884 e 1890 (São Paulo, [20--]).

Era o único cemitério da cidade até 1893, ano em que foi inaugurado o Cemitério do Brás e posteriormente o Cemitério do Araçá (1897). ‘A partir da construção dessas duas outras necrópoles, o cemitério da Consolação – que antes atendia a todos os extratos sociais – inicia um processo de elitização consolidado nas décadas seguintes’. Apesar do requinte, os enterros de pobres e escravos, continuavam sendo feitas em covas gratuitas. Em 1901,

José Oswald Nogueira de Andrade, na época vereador, defendeu uma reforma completa nos muros e no pórtico da entrada do Cemitério da Consolação. As obras iniciaram no ano seguinte, e a capela também foi incluída na reforma (São Paulo, [20--]).

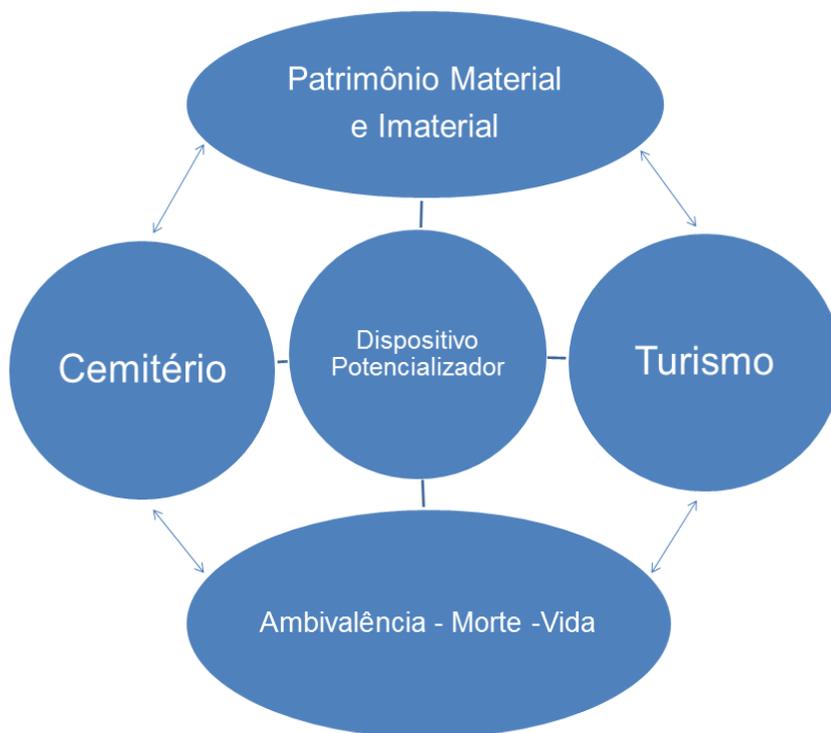
O resultado já podia ser visto em 1909, época em que o cemitério da Consolação “tornara-se a primeira necrópole de São Paulo, por todos admirada, principalmente pelos visitantes estrangeiros”, conforme as palavras do mesmo vereador José Oswald. Ou seja, há 100 anos atrás o cemitério da Consolação já era um “ponto turístico” importante na Capital. (São Paulo, [20--], p.19)

Com o surgimento de uma burguesia paulista devido à produção Cafeeira, o Cemitério da Consolação começou a abrigar obras de arte dos escultores Bruno Giorgi, Rodolfo Bernardelli, Victor Brecheret, Aurélio Franceschi, Luigi Brizolara, Celso Antônio de Menezes, entre outros artistas. Ali estão sepultados Monteiro Lobato, Marquesa de Santos, Emilio Ribas, Washington Luís, etc. (CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO, 2015).

Objetivo geral do projeto de qualificação

Analisar o cemitério como patrimônio e dispositivo potencializador do turismo considerando a ambivalência morte e vida das necrópoles.

Figura 1 - Fluxograma de pesquisa



Fonte: Autoria própria

Objetivos específicos do projeto de qualificação

Discutir os conceitos existentes sobre a prática de turismo nos cemitérios; abordar historicamente o espaço cemiterial, demonstrando a condição do cemitério como um bem patrimonial material e imaterial; analisar aspectos do turismo cemiterial no cemitério escolhido, considerando a ambivalência morte-vida; apresentar a discussão relativa à potencialização do turismo cemiterial, a partir de dispositivos de efetivação.

Questão norteadora do projeto de qualificação

Quais os aspectos do cemitério, como patrimônio material e imaterial, relacionados com a ambivalência morte e vida, são potencializadores do turismo?

Estratégia metodológica do projeto de qualificação – Cartografia dos Saberes

A metodologia do projeto tem orientação qualitativa exploratória e está ancorada no aspecto teórico-metodológico transdisciplinar. Utiliza-se, como estratégia metodológica, a Cartografia de Saberes, proposta por Baptista (2014b), que envolve uma abordagem transdisciplinar com pressupostos teóricos da ciência contemporânea, a qual, segundo a autora, é marcada pela incerteza e por ações que vão surgindo ao longo da pesquisa. Baptista (2014b, p. 344) expõe que “não existe ‘um’ único caminho, mas o que eu denomino de trama de trilhas’ e possibilidades a serem acionadas, ou seja, uma pesquisa sem aprisionamentos”.

Considerando essa orientação, o trabalho está sendo realizado a partir de duas grandes trilhas, a que Baptista também se refere como eixos investigativos: teórico e operacional. No eixo teórico, com a utilização da cartografia bibliográfica, foram pesquisadas as seguintes temáticas abordadas no trabalho: cemitério, patrimônio material e imaterial, dispositivo potencializador (afetivações), turismo, ambivalência morte e vida. O material que dá o aporte teórico desta pesquisa foi encontrado, em livros, dissertações, teses, monografias, sites, reportagens, artigos científicos, revistas online, com pesquisas na biblioteca da UCS e busca na internet. Foi acessado também o banco de Teses da Capes.

As primeiras pesquisas no mestrado ocorreram do seguinte modo: Após apresentar a temática de turismo cemiterial como objeto de interesse (no início de 2014), foram definidas as linhas teóricas que serviram de suporte conceitual para o desenvolvimento do trabalho. Foram definidas quais as áreas transversais aos estudos (temáticas) seriam concomitantemente e entrelaçadamente pesquisadas com o turismo cemiterial. Após serem definidas as linhas teóricas, foram escolhidas as palavras chaves: turismo, cemitério, túmulo, sepultura e morte. A palavra principal era turismo e foi combinada com todas as outras tendo sido formada as combinações Turismo Cemitério, Turismo Sepultura, Turismo Túmulo, Turismo Morte. Também foram pesquisadas as expressões “necroturismo”, “turismo cemiterial”, “turismo fúnebre”, turismo em cemitério e “*dark tourism*”.

Os levantamentos preliminares foram feitos nos periódicos do banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES nos itens: Buscar

Assunto, Buscar periódico, Buscar livro, Buscar base e Acervo (todas as áreas do conhecimento). A pesquisa foi feita em agosto de 2014 e foram encontrados os seguintes dados:

- No item “Buscar assunto”: Turismo Cemitério: 8 resultados (todos artigos) um relevante para minha pesquisa, Turismo Sepultura: 20 resultados (todos artigos) nenhum relevante para minha pesquisa, Turismo Túmulo: 6 resultados (todos artigos) nenhum relevante para minha pesquisa, Turismo Morte: 140 resultados (dissertações e artigos) uma dissertação relevante para minha pesquisa. Nas expressões necroturismo, turismo cemiterial, turismo fúnebre, turismo em cemitério e dark tourism, nenhum trabalho foi encontrado.
- No item Buscar periódico: Esse item solicita escolher as áreas de conhecimentos disponíveis que são: Ciências Agrárias, Ciências Ambientais, Ciências Biológicas, Ciências de Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais aplicadas, Engenharia, Língua, Letras e Arte, Multidisciplinar. Foram pesquisadas as áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais aplicadas e, Multidisciplinar, no entanto nenhum trabalho foi encontrado para nenhuma das combinações. Nos itens Buscar livro, Buscar base e Buscar acervo, nenhum trabalho foi encontrado em todas as combinações feitas. Com a continuidade das pesquisas feitas pela metodologia da cartografia bibliográfica, outras leituras foram sendo realizadas e a pesquisa foi se modificando. Atualmente as pesquisas estão sendo feitas com as palavras chaves/expressões: cemitério, patrimônio material, patrimônio imaterial, dispositivo potencializador do turismo, afetivações, turismo e turismo cemiterial.

No eixo teórico, está sendo utilizado o material encontrado a partir destas expressões, entre outras, que foram surgindo ao longo da pesquisa, pois a proposta da Cartografia de Saberes é justamente essa, abrir as possibilidades de pesquisa sem aprisionamentos, conforme aponta Baptista (2014). No eixo operacional, estão os procedimentos práticos da pesquisa, nos quais estão previstas as seguintes atividades:

- **entrevista** com os visitantes do Cemitério da Consolação em São Paulo, bem como funcionários e gestores do local, especialmente com o condutor Francisvaldo Almeida Gomes que exerceu o cargo de sepultador entre os anos de 2000 e 2001. Francisvaldo aprendeu sobre o este cemitério com o historiador Délio Freire dos Santos, substituindo-o sempre que necessário até a morte deste. Em 2002, Francisvaldo assumiu a condução das visitas, (G1, 2013). A entrevista realizada será semi aberta. Nessa estrutura, há um roteiro de questões norteadoras, mas que não se limitam às perguntas inicialmente propostas. As questões têm origem no problema de pesquisa. São perguntas flexíveis, mas que seguem uma coerência pela busca de assuntos relacionados ao objeto de pesquisa. (MOREIRA, 2006)
- visita ao cemitério para realizar uma observação sistemática da estrutural local e do ambiente subjetivo. Alguns dos itens analisados são: disposição espacial do cemitério, arte, arquitetura, iconografias, epitáfios, estado de conservação das sepulturas e das vias de acesso (iluminação, limpeza, placas informativas). No viés de subjetividade, serão

observados, os sujeitos visitantes, sua movimentação, trajetória, atitudes, gestos e fala. Após a visita ao cemitério, pretendo acompanhar um grupo de visitantes para verificar de que forma o passeio é conduzido, o que é ressaltado e quais as impressões do visitante sobre a visita. Em abril de 2015, foi realizado um contato prévio com o condutor para confirmar a possibilidade realização da pesquisa. A visita está prevista para o mês de julho.

- **registro de imagens** através de fotografias dos túmulos, arte tumular, iconografias, alamedas e demais itens que compõem a estrutura física e o modo de utilização do cemitério.
- **análise de documentos:** Os documentos são materiais indispensáveis na compreensão do objeto/temática. Por isso, ressaltamos que o ponto de partida da investigação não é a observação deste documento, mas sim a formulação de um questionamento. É necessário que haja uma dúvida, pois é esse fato que irá determinar quais fontes utilizar. As suspeitas do pesquisador, as perguntas feitas frente ao documento, são tão significativas quanto o próprio documento, sendo assim, os questionamentos é que vão dar sentido ao documento no momento da pesquisa. “[...] a análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. No caso da pesquisa científica, é, ao mesmo tempo, método e técnica” (MOREIRA, 2006, p.271-272). Os exemplos de documentos analisados para a dissertação são: a) legislação: legislações federais e municipais que regulamentam os cemitérios, b) planta baixa: analisar de que modo estão distribuídas espacialmente as sepulturas e por que se encontram dispostas de tal maneira, c) fotografia, d) materiais de divulgação impresso e online das visitas ao cemitério: verificar o que é ressaltado, qual o roteiro e por que motivo foi assim elaborado, e) demais materiais, cuja indicação pode emergir do trabalho de campo.

Considero que estas formas escolhidas para as análises não são definitivas, mas servem para nortear e estruturar o trabalho. Não é definitivo, pois depende da realidade em campo apresentada ao pesquisador e também porque a proposta metodológica escolhida tem como orientação a flexibilidade na pesquisa. Após, os dados coletados serão apresentados sob a forma de fotografias, mapas, textos e tabelas e interpretados ao serem contrapostos com o referencial teórico, afim de que a teoria e os dados coletados sejam discutidos, considerando a proposta da pesquisa e o contraponto com a teoria. O momento é ‘embrionário’ de um devir pesquisa finalizada em suas múltiplas etapas e dimensões. Tudo tem seu tempo. Acredita-se, no entanto, pela discussão apresentada aqui, na potência da pluralidade de dispositivos metodológicos, que, no viés qualitativo, tendem a contribuir, sobremaneira, para uma apreensão complexa da realidade do turismo cemiterial.

Referências

- Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. (2015). Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. Recuperado em 06 de Novembro, 2014, de <http://abecbrasil.blogspot.com.br/>
- Association of Significant Cemeteries in Europe. (2015). Significant Cemeteries. Recuperado em 10 de

Março, 2015, de <http://www.significantcemeteries.org/>

Baptista, M. L. C. (1997). A Subjetividade nos Estudos de Recepção. *IV Encontro Iberoamericano de Ciências da Comunicação*. Santos: IV Encontro Iberoamericano de Ciências da Comunicação.

Baptista, M. L. C. (2014). Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. *Rosa dos Ventos*, pp. 342-355.

Baptista, M. L. C. (2001). Psicocomunicação: A Trama de Subjetividade. *II Colóquio Brasil- Itália de Ciências da Comunicação*. Firenze. : II Colóquio Brasil- Itália de Ciências da Comunicação.

Barbosa, M. L. A. (2009). Turismo de Excentricidades. In: A. Panosso Neto, & M. G. R. Ansarah, *Segmentação de Mercado Turístico: Estudos, Produtos e Perspectivas*. (pp. 329-348). Barueri: Manole.

Blog Pesquisas Cemiteriais. (2015). Interditus. Recuperado em 25 de Março, 2015, de <https://elisianacastro.wordpress.com/interditus/>

Boiteux, B. C., Werner. M. (2009) Introdução ao Estudo do Turismo. Rio de Janeiro: Elsevier.

Borges, M. E. (2002). *Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoraristas Italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/ARTE.

Borges, M. E. (2001). Imagens Devocionais nos Cemitérios do Brasil. *ANPAP na Travessia das Artes* (pp. 10-15). São Paulo: XI Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.

Carvalho, L. F. N. (2010). ENTRE A LEMBRANÇA E O ESQUECIMENTO: implicações do descaso patrimonial para arte funerária do Rio Grande do Sul. *Anais do Encontro da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, "Entre Territórios"*. Cachoeira: Edufba.

Carvalho, L. F. N. (2005). O CEMITÉRIO DA SANTA CASA: contribuições para história da arte funerária em Pelotas. *Monografia (Especialização)*. Pelotas: Curso de Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Castro, E. T. (2008). Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008). *Dissertação (Mestrado)*. Florianópolis: Curso de Arquitetura & Urbanismo, Historia e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina.

Castro, E. T. (2009) Um chão para cair morto: os cemitérios de imigrantes protestantes em Santa Catarina no século XIX. Seminário Internacional de Estudantes de Pós-graduação em Estudos Americanos. II SIEPEA

Charão, E. B. (Novembro de 2009). Representações do mundo do trabalho nos cemitérios: Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre/RS. *Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, Porto Alegre.

Clara, L. (S/D) Historia e Arte no Cemitério da Consolação. *FOLDER*. Secretaria de Cultura, Secretaria de Serviços, Serviços Funerário, São Paulo, São Paulo.

Comunidad Iberoamericana de Amigos del Patrimonio Funerario - CIAPAFU (2013). Quiénes Somos. Recuperado em 16 de março, 2015 de <http://ciapafu.blogspot.com.es/2013/08/quienes-somos.html>

Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA (2003). Resolução CONAMA nº 335. Recuperado em 2 de Abril, 2015 de <http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=359>

Damatta, R. (1997). A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco

Duarte, N. (2013). G1. Ex-coveiro se torna 'guia' no Cemitério da Consolação, em SP. Recuperado em 13 de novembro, 2014, de <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/01/ex-coveiro-se-torna-guia-no-cemiterio-da-consolacao-em-sp.html>

Fernández, A.M.O., Correa, N. F. O., Valenzuela. C.V.R. (2015). Red Testimonio-Memoria Valparaíso. Sobre la Red. Recuperado em 10 de Março, 2015, de <https://redmemoriavalpo.wordpress.com/about/>

Ferreira, L. R. (2009). Turismo de Fait Divers: Morbidez ou Nekrophilia. In: A. Panosso Neto, & M. G. R. Ansarah, *Segmentação de Mercado Turístico: Estudos, Produtos e Perspectivas*. (pp. 349-364). Barueri: Manole.

Hipólito, P. (2011). *Uma breve história dos cemitérios*. Recuperado em 11 de Junho, 2013, Recuperado em História e História: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=148#_ftn8>

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. (2015). Patrimônio Imaterial. Recuperado em 27 de fevereiro, 2015, de <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan>

Moesch, M. M (2002). A produção do saber turístico. São Paulo: Contexto

Moreira, S. V. (2006). Análise documental como método e como técnica. In: J. Duarte, & A. Barros, *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. (pp. 369-379). São Paulo: Atlas.

Prefeitura de São Paulo. (2015). Serviço Funerário do Município de São Paulo. Cemitérios Municipais. Recuperado em 13 de Março, 2015, de http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/enderecos/index.php?p=3572

Queiroz, F. (2007). *Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal*. Recuperado em 15 de Maio, de <http://21gramas.pt/Uploads/17480711200709.pdf>

Red Iberoamericana de Cementerios Patrimoniales. (2015). Red Iberoamericana de Cementerios Patrimoniales. Recuperado em 12 de Março, 2015, de <http://redcementeriospatrimoniales.blogspot.com.br>

Rocha, M. A. B. B. (2005). Transformações nas Práticas de Enterramento – Cuiabá, 1850-1889. Mato Grosso: Central de Texto.

The Association for Gravestone Studies. (2015) About AGS. Recuperado em 11 de Março, 2015, de www.gravestonestudies.org

Valladares, C. P. (1971) Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/Departamento de Imprensa Nacional.

Vissière, S. F. (2014). História Viva. Os animados cemitérios medievais. Recuperado em 17 de Julho, 2014, de http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os_animados_cemiterios_medievais.html